

COMO LIDAR COM SEU SINTOMA

EFEITOS DE SIGNIFICANTES¹

Jairo Gerbase

O seminário de 11/01/77 vai nos dar a oportunidade de discernir saber e verdade.

1/ *Incompatibilidade entre saber e verdade*

“O saber e a verdade não têm nenhuma relação entre si” é uma tese apresentada primeiramente em “Radiofonia”.²

Lacan não afirma que saber e verdade sejam incompatíveis, afirma que não são complementares; um e outro compadecem, isto é, sofrem da mesma limitação – a de fazer um todo. O todo é o índice do conhecimento. Saber e verdade não só são compatíveis como contabilizáveis. O saber pode saldar as contas de um negócio com a verdade.

A topologia do limite entre saber e verdade ele formulou no algoritmo do sujeito suposto saber, ou seja, da transferência. Não se quer dizer que esse sujeito é suposto saber a verdade, mas apenas que se sujeita a trabalhar a fim de “saber lidar” (*savoir y faire*) com a verdade.

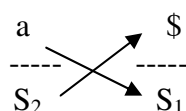
Dado que a verdade, em Lacan, corresponde ao que, em Freud, se denomina castração, o psicanalista nem tem a verdade nem pode preenchê-la.

Saber isso não impede que aconteça nem que se evite. A gente só tem de aprender um pouco da verdade, o que se chama de saber um pouco disso. De saída, o real não é para ser sabido, e ele não é a verdade, mas o limite da verdade. Todas essas limitações, ou melhor, impossibilidades são decorrentes do fato de que saber e verdade se encontram na dimensão do real, do que não pode ser sabido e do que não é a verdade, mas o limite da verdade.

O matema que Lacan emprega para reunir estes três conceitos assim se enuncia: “*a verdade é o que se situa ao supor o que do real tem função no saber e a ele se ajunta*”.

2/ *O saber e a verdade*

A tese – “o saber e a verdade não têm nenhuma relação entre si” é retomada em “Mais, ainda”.³ Dizer que no discurso do analista o saber se encontra no lugar da verdade [a/S₂] não deve fazer supor que a experiência analítica permitir constituir um saber sobre a verdade, apenas faz supor que, dali, do lugar da verdade, o saber pode interpelar o sujeito [S] para produzir um significante [S₁] que lhe permita resolver sua relação com a verdade.

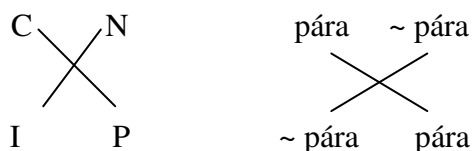


¹ Comentário do seminário de 11 de janeiro de 1977 de Lacan, efetuado em 16 de outubro de 1998 por Jairo Gerbase.

² Ver *Scilicet* 2/3, p. 92-95, Seuil, Paris, 1970. Resumo apenas alguns recortes da questão VI, supracitada.

³ Ver “O saber e a verdade”, aula de 20 de março de 1973, Seminário 20 – *Mais, ainda*, JZE, RJ, 1982, cap. VIII, p.121-135, do qual resumo alguns trechos.

A verdade, de origem jurídica, implica no dever da testemunha de, dizendo a verdade, confessar o gozo. Por essa razão, o procedimento jurídico do testemunho exclui o que é da ordem pática: nenhuma sentimentalidade é admitida no testemunho. O que se deduz disso é que a verdade não pode ser dita, e é também por isso que para transmitir a verdade na experiência analítica, recorreremos aos matemas: [a, \$, S₁, A, Φ] e [S(A/)] que é, por excelência, o matema da impossibilidade de dizer a verdade. Essa impossibilidade depende do fato de que o fenômeno essencial da experiência analítica – o sintoma – se escreve na contingência. É que o gozo singular, também chamado de gozo do idiota, o gozo que se escreve com o termo [S₁], enfim, o gozo do sintoma é *contingente*; sua referência *necessária* é ao falo [Φ], também denominado de significante universal do gozo. Como só há esse referente do gozo, como não há um referente do outro gozo, do gozo do Outro sexo, a relação sexual se escreve na modalidade do impossível. Então, a função fálica é necessária, mas se escreve como contingente, isto é, por acaso; por uma contingência, a relação sexual, isto é, o impossível fica obrigado a ser apenas encontro. Dito de outra maneira, o gozo fálico só]. *Pára de não se escrever*, ou seja, só se escreve na contingência; ele não pode entrar na experiência analítica pelo *não pára*; nem pela necessidade (não pára de se escrever) nem pela impossibilidade (não pára de não se escrever); o gozo fálico não se escreve nem sempre nem nunca, apenas, às vezes.



3/ O que é o saber?

Segundo Lacan, o saber, antes de Descartes é nada; depois de Freud é o não-saber, é o que não se sabe, é o que se baseia apenas no significante. Com efeito, Freud (1905) observou que um sonho deve ser interpretado como um anagrama; Saussure (1905) observou também que a repetição dos mesmos sons, nos versos saturninos,⁴ obedeciam ao princípio dos anagramas: os sons ou as letras que compõem um nome próprio estariam disseminados no conjunto do poema. Logo, sonho e poesia devem ser interpretados com base na aliteração, porque o saber é efeito de significante.

Essas observações reportam à tese do arbitrário do signo lingüístico, que se desdobra, segundo Todorov (Dicionário da ciência da linguagem, p.135-6), em pelo menos quatro níveis dos quais destaco dois:

- *a relação som-sentido*: a discussão se inicia no Crátilo de Platão, está ligada a Heráclito e supõe que é natural a atribuição dos nomes às coisas. Saussure (Curso de lingüística geral)

⁴ A versificação clássica latina sucedeu ao verso primitivo, o *satúrnio*, sobre cuja natureza muito se tem discutido entre os adeptos do sistema quantitativo e os do acento de intensidade; nele, como no *carmen* primitivo, era freqüente, embora não necessária, a aliteração. O êxito da métrica helênica deve-se ao exemplo de Ênio. (Cf. Mirador, Enciclopédia Internacional, SP, 1982, v.20, p.11386). O verso saturnino constitui o primeiro sistema de versificação dos romanos, e o único nacional. Empregado em um certo número de inscrições, como as do Scipions, por Livio Andronicus (tradução da Odisséia), por Navius (*Bellum Punicum*), o ritmo dela não era mais compreendido na época de Augusto, em que se lhe tratava de *incomptus* e de *horridus*; os modernos também discutiram longamente sobre sua natureza sem chegar a um acordo. O tipo é: *Malum dabunt Metelli Naevio Poetae*. (Cf. Larousse du Xxème Siècle, Paris, 1933, t.6, p.204). F. de Saussure estudou a aliteração, as repetições de mesmos sons em poesia, que, obedecem ao princípio dos anagramas: os sons ou as letras que compõem um nome próprio estariam disseminados no conjunto do poema; ex.: AFRODITE. (Cf. T. Todorov e O. Ducrot, Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem, Ed. Perspectiva, SP, 1977, p.186).

contrariamente defende a tese de que a denominação lingüística é arbitrária: o aspecto fônico é independente do aspecto semântico.

rosa



(É interessante evocar, a esse respeito, a intrigante pesquisa de Brisset sobre uma espécie de etimologia sonora que implicaria, por exemplo, que a palavra francesa *l'hôtel* (morada) é derivada de *l'eau tel* (água tal) dado que a palafita era a morada primitiva do homem.
- a relação *significante-significado*: Saussure distingui rigorosamente o referente do signo lingüístico (a coisa à qual o signo remete) e seu significado (o conceito evocado pelo significante), obrigando a discussão se deslocar da relação som-sentido ou nome-coisa para uma relação no interior do próprio signo.

S

s

Portanto, além de definir o saber como efeito do significante, Lacan se perguntou: quem sabe? E respondeu: o Outro, lugar do significante, logo, o próprio significante. Por sua vez, a verdade depende dessa dupla definição: o saber é um efeito de quem sabe, isto é, do significante. Também se deduz daí a tese de que o sujeito é efeito do saber, ou seja, efeito de significante.

4/ *Que posso saber?*

Mais uma vez, Lacan volta à tese – “o saber e a verdade não têm nenhuma relação entre si”,⁵ afirmando ser impossível dizer toda a verdade porque faltam as palavras, o que, como já dissemos, o matema [S(A)] escreve; é justamente esse impossível que vincula verdade e real. Deduz-se daí que não se pode colocar a pergunta: - que posso saber? – porque o saber é suposto ao sujeito do inconsciente; de modo que é preciso reformular a pergunta de Kant nos termos de Freud: - o que se pode dizer do saber?

5/ *Conhecer e saber*

De tal sorte que, aqui, no *L'insu*, se retoma definitivamente esta tese – “não há nenhuma relação entre saber e verdade” – nos termos em que Freud a formulou – o saber é inconsciente, ou, nos termos em que Lacan a formulou – o saber é o significante, e tal como a resumo; com efeito, o termo saber se escreve [S₂]. Isso implica, ainda, e entre parêntesis, em prescindir-se da distinção entre conhecer e saber. Mas Lalande⁶ cita E. Leroux (*Exploratio filosófica*, 1856, p.60) que a considera estabelecida por J. Grote (*The Meaning of Truth*, 1909,

⁵ Nas partes I e VI de “Televisão”, JZE, RJ, 1993, p.11 e 64.

⁶ André Lalande, Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia, ed. Martins Fontes, SP, 1993, p. 971. Saber, *wissen, knowledge, savoir, sapere* é conhecer, é aquilo que se sabe e também a coisa sabida; opõe-se a ignorância, opinião e fé (crença). A certeza opõe-se à dúvida, o saber, não. Conhecer, *kennen, to know, connaître, conoscere*, é derivado de *percipere* – conhecer, dá origem a *perceptio* – conhecimento e significa saber.

p.11-12 – O sentido da palavra verdade) e correspondente às expressões inglesas *to know a, a thing, a man*, etc. (conhecer uma coisa, um homem, etc.) e *to know such and such thing about the thing, the man*, etc. (conhecer tais e tais coisas sobre determinada coisa, determinado homem, etc.). A primeira é uma simples *acquaintance* ou familiaridade com o objeto conhecido e refere-se à apresentação, à *Vorstellung*, a segunda é mais intelectual, comporta conceitos, juízos, uma espécie de ciência. Segundo Grote: “a linguagem, seguindo seu verdadeiro instinto lógico, distingue geralmente essas duas acepções da idéia de conhecimento, sendo uma designada pelas palavras *noscere, kennen*, conhecer e a outra por *scire, wissen*, saber”. Porém, N. Abbagnano (Dicionário de filosofia, p.832) destaca que esta distinção se difundiu especialmente na forma que lhe deu Russel num artigo famoso (*On denoting*, 1905, in *Logic and Knowledge*, 1956, p.41): “A distinção entre experiência direta (*acquaintance*) e conhecimento acerca de (*knowledge about*) é a mesma entre as coisas que nos estão imediatamente presentes e as que nós alcançamos somente por meio de frases denotativas”.

De algum modo, Lacan participa dessa discussão, na aula de 16/11/77, ao adotar o sentido bíblico da palavra conhecer (cf. o “Livro de Ruth” – “e Booz conheceu Ruth”) para definir a relação do fala-ser como sintoma: “o sintoma é o que se conhece melhor; esse conhecimento deve ser entendido no sentido em que basta que um homem deite com uma mulher para que a conheça; conhecer seu sintoma quer dizer “saber lidar com” (*savoir faire avec*); isso é também o que o homem sabe fazer com sua imagem, o que se denomina de narcisismo”.

Então, a tese: o saber é o significante, que posso escrever assim em matema [$S_2 \equiv S_1$], serve para indicar que o fala-ser não sabe lidar com o saber, o que Lacan denomina de debilidade mental estrutural. Ele disse isso de diversas maneiras ao longo de seu ensino, mas vou lembrar apenas uma ocasião, quando escutava Michel Foucault (O que é um autor?, 1968), ele disse: o homem é dependente do significante. Nesta aula do *L'insu*, que estamos comentando, diz dessa maneira: não se sabe lidar (*on ne sait y faire*) com esse material (o significante), que é a mesma coisa que saber fazer com (*savoir faire avec*), que não se pode dizer senão como (*savoir y faire*) e que é diferente de saber fazer (*savoir-faire*), de *know-how* e significa desembaraçar-se (*se débrouiller*), e que preferi traduzir por saber lidar, como bem poderia fazê-lo por saber haver-se, mas Lacan adverte que a coisa não deve ser tomada como conceito, isto é, como o significado evocado pelo significante, conforme há pouco eu chamava a atenção (item /2, acima) para a distinção que propôs Saussure.

6/ Os discursos

Mas Lacan não quer considerar a questão do saber nem pela via da filosofia nem da lingüística, porque ele tem sua própria referência, elaborada a partir da experiência analítica, que é a referência aos discursos (*les discours*) que equivoca com o dizer que socorre (*le dire que secourt*), ou seja, em vez de procurar resolver a questão do saber a partir dos binários som-sentido ou significante-significado, prefere apelar ao binário dito-dizer, (cf. seu *L'Étourdit*, 1973), que na linguagem dos lingüistas se denomina enunciado-enunciação. Na hipótese analítica quem socorre, quem discorre, quem discursa é o dizer, a enunciação, ou seja, o que há pouco se chamou de verdade.

Dito de outro modo, a fim de retomar a tese principal do comentário dessa aula – o saber e a verdade não têm nenhuma relação entre si – Lacan evoca os quatro discursos, posto que lá, o saber é um termo e a verdade um lugar, o que é o discernimento principal entre esses termos. Por exemplo, no discurso do analista é o saber que está no lugar da verdade mas no discurso do mestre não se trata do saber mas do sujeito, nesse lugar.

Por isso ele diz que o discurso do mestre é o menos verdadeiro, isto é, o mais impossível, dado que é mais impossível que o sujeito ocupe o lugar da verdade do que qualquer outro termo e é exatamente por isso, porque é menos verdadeiro que o sujeito possa ocupar o lugar da verdade que esse discurso atinge mais o real, e que Freud denomina de recalçamento (*Verdrängung*).

Não apenas o que se diz a partir do inconsciente mas tudo o que se diz é uma escroqueria, isto é, é um equívoco, uma racionalização, uma significação substitutiva da verdadeira significação do furo do real. É o princípio do chiste – equivalência do som e do sentido, do nome e da coisa. No chiste, digamos assim, palavra e coisa se equivalem. O chiste de Jaguar é, nesse caso, extraordinário como demonstração desse princípio:

- (o repórter) – Jaguar, por que você *bebe* tanto?
- (Jaguar) – Porque é líquido, se fosse sólido eu comeria.

Diria que Jaguar tomou a palavra *bebe* pela coisa, o significante pelo referente e que foi com base em observações como estas que Lacan introduziu, desde 1953, seu aforisma – o inconsciente é estruturado *como* uma linguagem.

7/ A referência

Lacan recomenda que se leia um artigo de Jean-Claude Milner,⁷ onde ele trata da figura da anáfora e se dá conta do papel da gramática que, segundo Port-Royal, é a arte de falar. Uma figura (de retórica) é um desvio, uma transformação, digamos, uma vicissitude da palavra, do signo. Nesse sentido, a anáfora é uma figura, assim como o recalque e a sublimação também o são. A anáfora é, segundo Todorov, uma figura que exprime as relações semânticas entre frases. Ocorre anáfora quando é necessário, para interpretar um segmento do discurso, referir-se a um outro segmento do mesmo discurso, que por isso se denomina de interpretante ou antecedente da anáfora.⁸

Na frase - “J’ai vu dix lions, et toi tu en as vu quinze” (“Vi dez leões e tu viste 15 deles”), o *en* não visa os leões visa o dez.. Lacan preferiria dizer – “tu en as vu plus” (tu viste mais deles) - porque esses quinze ele não os contou, o tu.

Ao contrário, na frase – “J’ai capturé dix lions, et toi tu en as capturé quinze” (“Capturei dez leões e tu capturastes quinze”), a referência não é mais aos dez, mas aos leões.

⁷ MILNER, Jean-Claude. “*Réflexions sur la référence*”, *Langue française*, 30.

⁸ Anáfora – retórica – repetição de palavras, de frase, de versos; referência por meio de um pronome a um termo já enunciado na frase; repetição de uma ou mais palavras no princípio de duas ou mais frases, de membros da mesma frase, ou de dois ou mais versos: “ela não ouve, avança! avança!” (Fialho d’Almeida, *O País das Uvas*, p. 94; Depois o areal extenso.../ Depois o oceano de pó.../ Depois no horizonte imenso.../ Desertos... desertos só...” (Castro Alves, *Obra Completa*, p. 282; “Quase tu mataste, / Quase te mataste, / Quase te mataram!” (Manuel Bandeira, *Estrela da Vida Inteira*, p. 244). Cf. Aurélio.